

“Coimbra é uma paisagem pintada”: o escritor como ‘artista oculista’ do património

Maria Mota Almeida*

Resumo: Este artigo pretende estabelecer intersecções entre turismo sustentável e património cultural através da literatura, contribuindo para diversificar “olhares” sobre uma zona “nobre” da cidade de Coimbra. A Universidade – Alta e Sofia, classificadas como Património Mundial pela UNESCO em 2013, bem como o Museu Nacional Machado de Castro que, em 2019, foi integrado nesta classificação, polos culturais e turísticos por excelência, constituem o pano de fundo onde se desenrola a maior parte da ação da *Porta de Minerva* (1947), único romance de Branquinho da Fonseca. A obra permite-nos apreender o património construído, a paisagem e compreender as (con)vivências e tradições da “Cidade dos Estudantes” nos anos 30/40 do séc. XX. Numa primeira fase abordaremos a importância que os escritores e a respetiva obra detêm para a (re)descoberta e (re)leitura das cidades. O levantamento dos patrimónios e dos locais que compõem a obra vão permitir, mediante a metodologia de análise de conteúdo, uma leitura do espaço urbano. Proporemos um itinerário que sirva de motivação para uma visita em que se pretende conhecer o escritor, resgatar a memória e contribuir para um turismo diferenciado apostado na personalização.

Palavras-chave: Turismo literário. Turismo cultural. Identidade cultural. Branquinho da Fonseca. Coimbra.

Abstract: *Porta de Minerva*: Visiting Coimbra in the footsteps of the writer Branquinho da Fonseca. This article intends to establish intersections between sustainable tourism and cultural heritage through literature, thus contributing to diverse “outlooks” over a “noble” area of the city of Coimbra. The University – Alta and Sofia classified as World Heritage by the UNESCO in 2013, as well as the National Museum of Machado de Castro which, in 2019, was integrated in this classification, cultural and touristic center par excellence, constitute the backdrop where most of the action of *Porta da Minerva* (1947) takes place, Branquinho da Fonseca’s only novel. The book allows us to grasp the constructed heritage, the landscape and understand the coexistences/experiences and traditions of the “City of the Students” in the 1930’s and 1940’s. In a first phase we will address the importance that writers and their respective work have for the city’s (re)discovery and (re)reading. The survey conducted on heritage and locations that compose the literary work will allow, through the content analysis methodology, the reading of urban space. We propose an itinerary that will serve as a motivation for a visit where one will understand and appreciate the writer, refresh the memory and contribute to a tourism differentiated by its focus on customization.

Keywords: Literary tourism. Cultural tourism. Cultural identity. Branquinho da Fonseca. Coimbra.

* Professora Adjunta Convidada, Área Científica de Ciências Sociais e Humanas - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Coordenadora Científica do MUVITUR - Museu Virtual do Turismo.
E-mail: maria.almeida@eshte.pt

1 Introdução

O difícil não é ser herdeiro, mas saber acolher e recolher a verdadeira herança, não para fazer dela um leito cómodo ou sono dogmático, mas para promover o espírito de investigação (BEAUFRET, 1971, p. 113-114).

No título escolhido para este artigo: “Coimbra é uma paisagem pintada”: o escritor como ‘artista oculista’ do património”, servimo-nos do conceito de artista oculista usado por Alain Roger que adotou o conceito proustiano de “l’artiste oculiste”, explanado no romance *À la recherche du temps perdu, La Côte de Guermantes*. Nesta obra o autor explora a analogia entre o trabalho dos oculistas e o dos artistas: o pintor ou o escritor original, à imagem do oculista, levam o seu tempo a tornarem claros, aos nossos olhos, objetos que antes não os víamos como tal. A metáfora óptica de Marcel Proust remete-nos para a forja artística do nosso olhar estético, mediado pela arte, que é capaz de ver/criar a paisagem onde antes era apenas terra. Ora, a literatura, que opera a mediação entre nós e o território, ajuda-nos a ver melhor e com vários matizes a paisagem natural ou construída, rural ou urbana.

Neste caso abraçaremos o espaço urbano de Coimbra, mais precisamente a zona classificada pela UNESCO, em 2013, a *Universidade de Coimbra – Alta e Sofia* bem como o Museu Nacional Machado de Castro que, em 2019, foi integrado nesta classificação. Este património, de singular relevância que constitui o coração cultural e turístico, por excelência, da cidade, é o pano de fundo onde se desenrola a maior parte da ação do romance *Porta de Minerva* que nos acompanhará nesta itinerância.

O autor desta obra estudou Direito em Coimbra onde vivia com os pais. A vida académica inspirou grande parte da ação do romance permitindo-nos, mediante as suas descrições, passear pela cidade e criar um itinerário que conduza a uma outra forma de descobrir estes espaços, contribuindo para a valorização e desocultação de patrimónios que se tornam mais facilmente visíveis pela mediação do texto literário. Partamos, pois, à descoberta desta ‘outra’ cidade que ainda hoje mantém muitos dos traços descritos, não só a nível do património construído como das tradições. Além disso, o itinerário literário constitui-se, igualmente, como uma homenagem ao escritor quer pela divulgação da sua obra, quer pela forma como o leitor – viajante (SIMÕES, 2002), aquele que lê e imagina o espaço retratado na literatura, e o viajante – leitor (SIMÕES, 2002), aquele que, motivado pela leitura, vai sair do conforto da sua casa para visitar/conhecer o espaço, se vai apropriar das relações emocionais e espaciais que o escritor estabeleceu com o local e lhe permitiram elaborar uma descrição muito próxima do real. Acresce-se que o facto de parte da obra de Branquinho da Fonseca estar traduzida em várias línguas permite ampliar o alcance desta oferta atraindo, igualmente, viajantes estrangeiros.

Partimos, pois, da leitura do romance *Porta de Minerva*, publicado pela primeira vez em 1947 pela Ática, com 2ª edição em 1961 e 3ª edição em 1968 ambas pela Portugália e a edição actual, 2010, pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, para propor um itinerário urbano que abarca a Cidade de Coimbra com especial incidência na zona classificada pela UNESCO. Branquinho da Fonseca imortalizou uma Coimbra dos anos 30 contribuindo, a seu modo, para a construção identitária da cidade. Conjugou a realidade com a ficção: resgatou episódios, memórias, tradições, espaços e vivências de um tempo que já passou. Valorizou alguns acontecimentos, secundarizou outros e silenciou muitos.

A cidade continuou o seu percurso, lado a lado com a vida estudantil. Ao descobrir a Coimbra vivenciada e testemunhada pelo seu avô, Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira, acompanha uma memória subtraindo-a do inevitável imobilismo e esquecimento. Os passos que nos despertam para os espaços irão ser reinterpretados, afetivamente, por um leitor do séc. XXI que, por uma feliz coincidência, é Director de Fotografia de Cinema, tendo já feito filmes a partir de duas obras do avô: *Barão* e *Rio Turvo* dirigidas por Edgar Pêra.

Tradição feita modernidade acompanha a modernidade feita tradição: a Real República dos Kágados ainda hoje existe, o Cortejo Académico também e muito do ambiente boémio perdura. As ruas lá estão e alguns edifícios, igualmente. Contudo, a cidade sofreu grandes transformações: a Alta já não é a do tempo de Bernardo Cabral.

Neste início de século, dominado pela tecnologia e no sentido de conseguir uma maior autonomia por parte do visitante, visto que “existe uma tendência para uma redução do peso das viagens organizadas por oposição ao crescimento do *DIY – do it yourself*” (PENT, 2007, p. 40), sugere-se a utilização da Realidade Aumentada (RA) “termo utilizado para descrever uma combinação de tecnologias que têm por objetivo integrar informação digital (ou virtual) no ambiente envolvente e em tempo real” (MOUTINHO, 2015, p. 39). A RA proporciona vários níveis de aprofundamento na apropriação e compreensão patrimonial, na medida em “que possibilita diferentes leituras de um mesmo elemento/objeto e, desta forma, amplia o conjunto de interações possíveis” (MOUTINHO, 2015, p. 3).

O artigo vai ser estruturado da seguinte forma: iniciaremos com uma breve caracterização da zona classificada pela UNESCO. Em seguida problematiza-se a questão das vantagens e desvantagens do turismo para as cidades e a necessidade da diversificação de produtos não massificados que contribuam para um turismo mais sustentável, nomeadamente o turismo literário. Na terceira parte faremos a revisão da literatura relativamente este “nicho” de turismo. A última parte corresponde à aplicação prática do nosso trabalho. Após a sucinta biografia de Branquinho da

Fonseca e um resumo da obra, *A Porta de Minerva*, apresentaremos o itinerário literário que tem início na Estação Nova e termina na Universidade.

2 A Universidade de Coimbra-Alta e Sofia, Museu Machado de Castro: classificação da UNESCO

O valor universal excepcional da *Universidade de Coimbra – Alta e Sofia* foi, em 2013, reconhecido pela UNESCO ao classificá-la como Património Mundial o mesmo acontecendo, em 2019, ao Museu Nacional Machado de Castro.

A Universidade fundada em 1290 por D. Dinis, circulou entre Lisboa e Coimbra, sendo definitivamente estabelecida nesta cidade, em 1537, por iniciativa de D. João III. Importantíssimo centro de referência cultural, enquanto produtora e transmissora de conhecimentos, em áreas tão variadas quanto o direito, as artes, as letras e as ciências. A Universidade de Coimbra:

[...] é constituída por um complexo de edifícios ligados à produção e transmissão do conhecimento, que cresceu e evoluiu ao longo de mais de sete séculos, formando sem qualquer dúvida uma área urbana nobre e bem delimitada na cidade de Coimbra. A par da existência física de património construído, em muitos casos notável e verdadeiramente excepcional, e com a sua história, que faz dela uma das mais antigas Universidades europeias, a Universidade possui um conjunto de tradições e de cultura da própria instituição que lhe conferem uma identidade particular com forte simbolismo a nível nacional e internacional. A sua história confunde-se com a da Universidade Portuguesa (SERRA; TORRES, 2005, p. 2).

A Rua da Sofia, ou da *Ciência e Sabedoria*, se nos reportarmos à palavra grega, com início na Praça 8 de Maio e fim na Rua da Figueira da Foz, foi aberta em 1535, para albergar os colégios da Universidade, ficando os edifícios principais no Paço Real. Seguindo o “modelo da Rue de Sorbonne” (LOBO, 2006, p. 26), em Paris, na Rua da Sofia foram erguidos sete colégios, com as suas igrejas: os colégios do Carmo, da Graça, de São Pedro, de São Tomás, de São Bernardo e de São Boaventura, e ainda o Colégio das Artes. Com exceção do uso dado a este último espaço, mas que em breve transitou para a Inquisição, “a Rua da Sofia acabou relegada para um desempenho urbano distante do conceito e programa de *campus* Universitário que a determinara” (ROSSA, 2006, p. 18). Em contrapartida a Alta, mais despovoada, permitiu a instalação e expansão universitária almejada, acentuando a diferença entre as duas cidades: os que aí passaram a residir, muito mais ligados ao meio académico e os que habitariam, sobretudo, na “Baixa”, mais ligados a atividades comerciais. Durante o Estado Novo, entre os anos 40 e 70, a “cidade universitária” amplia-se após uma campanha de

intensas demolições que visavam, na palavra de um antigo aluno e professor “libertá-la de incrustados, malfazejos e indignos das construções fundamentais, e completá-la com instalações apropriadas às exigências dos novos estudos [...] e que só por si dará a Coimbra um lugar excepcional entre todas as universidades do mundo”(SALAZAR, 1945, p. XIX). A este conjunto, que apresenta uma pluralidade de intervenções ao longo do tempo, numa adequação às crescentes e exigentes funcionalidades é acrescentado, em 2019, após trabalhos de restauro e remodelação, o Museu Nacional Machado de Castro, igualmente com a chancela de Património Mundial da Humanidade. Monumento Nacional desde 1910, situa-se no antigo Paço Episcopal de Coimbra e no local do fórum romano. Encontram-se, neste espaço, obras que se enquadram na categoria de Tesouro Nacional, maioritariamente provenientes de Sé Velha, Sé Nova e Mosteiro de Santa Cruz. A classificação Património Mundial, atribuída pela UNESCO, se por um lado é importante para ajudar a preservar e divulgar este património único, por outro, tem um grande impacto no desenvolvimento dos destinos turísticos (OKECH, 2010), visto que a ‘marca’ cultura, base desta distinção, funciona como uma motivação acrescida para visitar estes locais (PORIA *et al.*, 2013). O “património e as atrações culturais, em muitos países desenvolvidos, estão a tornar-se uma importante força motriz para o crescimento do mercado de turismo e [...]a abundância e diversidade de recursos culturais são bens essenciais para um país desenvolver a sua indústria de turismo” (PATUELLI *et al.*, 2013, p. 375). Porém, ao associar um local ou destino turístico à experiência turística, assente na qualidade e valor da oferta, muitas vezes a principal motivação da visita, enormes desafios se colocam num binómio de equilíbrio difícil, como analisaremos a seguir.

3 A turistificação: autofagia ou salvação da pólis?

“O turismo assenta num paradoxo: alimenta-se daquilo que destrói” (BISMARCK, 2016).

“Não basta conhecer o património. É preciso vivê-lo e preservá-lo” (MARTINS, 2018).

A ONU proclamou 2017 como o “Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento” como reconhecimento da importância do turismo a nível mundial. O ICOMOS definiu como tema para o Dia Mundial dos Monumentos e Sítios, que se celebrou a 18 de abril de 2017, “Património Cultural e Turismo Sustentável”. Em 2018 celebrou-se, pela primeira vez e por iniciativa da União Europeia, o “Ano Europeu do Património Cultural”, sob o lema “Património: onde o passado encontra o futuro”. Pretendeu-se sensibilizar os Estados-Membros para a necessidade de proteção, salvaguarda, reutilização, valorização e promoção do património cultural da Europa. Os

desafios colocados remetem a responsabilidade pela sua cabal execução ao empenhamento de todos. Na verdade, o património não nos pertence. A sua importância, quer como testemunho da ação humana, quer pela(s) memória(s), saberes e valores que conserva e difunde, bem como o contributo que lega para o desenvolvimento mais harmonioso e sustentável do território, responsabiliza-nos quotidianamente pela necessidade da sua preservação para as gerações seguintes. A sustentabilidade do turismo é uma preocupação crescente visto que o mesmo representa cerca de 10% da atividade económica mundial. Se bem que economicamente fundamental, pode ser patrimonialmente destrutivo se não houver um equilíbrio entre, por um lado, a oferta e a procura e, por outro, a comunidade residente e a comunidade visitante.

A cidade tornou-se um destino turístico por excelência, sobretudo a partir da década de 70, tendo esta temática sido estudada por variados autores (veja-se a síntese em Henriques, 2013¹, p. 26 e sgs). Associado a este fenómeno da explosão do turismo urbano, assistimos ao aumento exponencial do turismo cultural, considerado, neste início de séc. XXI, como um meio de regeneração da própria *urbe* o que estimula a diversificação das práticas culturais. Não obstante esta dinâmica cultural urbana, a turistificação da cidade tem conduzido a discursos inflamados sobre os benefícios e prejuízos que a mesmo acarreta para os locais e para os seus habitantes.

Considera-se que a erosão que os turistas provocam assume, entre outros, os seguintes vetores: por um lado o desgaste dos edifícios pela quantidade de turistas que calcorreiam o seu interior a “contra relógio” para completarem, com milhares de fotos, a “caderneta de vivências / experiências / consumos” e por outro a forma como as cidades prestam “subserviência” a esta importantíssima fonte de lucro. Ambos vão ter impactos negativos na vida dos residentes. A *urbe* “transformou-se num espectáculo permanente, num recinto de entretenimento para uma pequena burguesia planetária que vê em qualquer vivência, por mais ínfima que seja, a oportunidade última de redimir a aridez e a tristeza da sua vida quotidiana” (Bismarck, 2016); gentrificam-se os espaços; globalizam-se as lojas e, as que ousam manter a tradição, servem mais para cenários de *selfies* do que para vender os produtos que expõem; massificam-se os *souvenirs*, quase todos *made in China*, vendendo-se como “produtos aliciantes e muito especiais”; pululam os produtos belissimamente embalados com o rótulo *gourmet*.

¹ Note-se, a este propósito, o contributo da obra de HENRIQUES (2003) para o enquadramento teórico-conceptual sobre o turismo urbano e, mais especialmente, sobre o turismo cultural nos centros históricos das cidades.

As cidades, especialmente, as que foram classificadas pela UNESCO como Património Mundial, tornaram-se uma *marca* e, como tal, (pre)dispostas a ser consumidas, “trituras” pela máquina cuidadosamente engendrada para aliciar turistas. Correm o risco de autofagia pela descaracterização a que placidamente assistem. “A hospitalidade já não é um atributo, mas um produto” (BISMARCK, 2016). A ideia do “sempre em festa” afasta os habitantes fazendo com que percorram uma cidade onde já não se reconhecem. A Memória e a História estão adulteradas e/ou enevoadas pelos constantes eventos e animação, “100% grátis, a não perder” “aproveite as inúmeras ofertas”, que criam a obrigatoriedade de preencher o lazer.

De forma não totalmente paradoxal, podemos, igualmente, afirmar que o turismo se alimenta daquilo que ajuda a (re)construir e que “o que realmente está a suceder nas áreas centrais de Lisboa e Porto é o preenchimento de um vazio criado por décadas de abandono” (BOAVIDA-PORTUGAL, 2016). A identidade de uma cidade, elemento instável em si e permanentemente dinâmico vai-se alterando, transformando, construindo ao longo do tempo, por vezes até com demolições, visto que a “resiliência das cidades históricas apoia-se na continuidade dos seus valores identitários, mas depende da capacidade de integrar a mudança e de assimilar novas narrativas. A sua história está sempre a ser escrita em novos capítulos, querer fixá-las num momento romantizado do passado é não compreender a sua essencial natureza” (BOAVIDA-PORTUGAL, 2016). A continuidade das cidades assenta na mudança, condição essencial à sua sobrevivência pois “o lugar que não pode mudar condena o território à sua destruição” (LYNCH, 2007). Questão que podemos considerar contraditória ao associar a continuidade à mudança, mas que faz parte intrínseca do processo de transformação. Transformação essa impulsionada pelo turismo, que levou à recuperação e revitalização de muitos bairros históricos, e ao “alargamento do valor de património a novos elementos e áreas da cidade” (HENRIQUES, 2003, p. 32). O futuro, nalguns casos já presente, passará necessariamente pela sólida construção de um equilíbrio entre a comunidade de acolhimento, a preservação dos recursos naturais, patrimoniais e os visitantes. Trata-se do desenvolvimento do turismo mais sustentável, com a redução progressiva da massificação onde o turismo de nicho deverá desempenhar um papel crucial. O “nicho” do presente trabalho, em que se alia a viagem à literatura, proporcionando experiências turístico-literárias, enquadra-se no turismo cultural, no turismo literário.

4 O turismo literário

Não é só ler até adormecer na poltrona. É preciso ver, com olhos de ver, os lugares literários (CORREIA, 1968, p. 60-61).

Literary Tourism is a complex cultural phenomenon which presents in a variety of forms, showing its lively connections with past and contemporary culture (GENTILE; BROWN, 2015, p. 25).

Espaço de construção do pensamento, preservação da memória e da vida, laboratório de arte e de futuros, a literatura configura-se num exercício de conjunto de obras promotoras da História, da cultura e do património cultural de uma comunidade, produzidas em territórios, em espaços e em tempos específicos, descritivos de épocas e períodos históricos, retratando acontecimentos e sendo por isso um elemento por excelência para caracterizar e impulsionar as sociedades na descoberta da sua identidade. A consciencialização do valor intrínseco desta herança fez com que, nos últimos anos, se multiplicassem os estudos que refletem acerca das possibilidades que a literatura apresenta na diversificação de recursos, promoção, valorização e dinamização de um local. Saliente-se o trabalho de Almeida (2016a, 2016b, 2018a, 2018b, 2019), Almeida e Branquinho (2013, 2018), Almeida e Oliveira (2017), Baleiro, Quinteiro e Santos (2016), Leitão (2016), Quinteiro e Baleiro (2014, 2017), Quinteiro e Henriques (2011), Butler (2000), Hendrix (2014), Herbert (2001), Jenkins, I. e Lund, K.A. (2019), Robinson e Andersen (2002). Iniciativa muito interessante, de carácter multidisciplinar, abrangendo o território nacional é o projecto de Atlas das Paisagens Literárias (litescape.pt), iniciado sob coordenação de Ana Isabel Queiroz e continuado por Daniel Alves e Natália Constâncio que pretende, através de um levantamento exaustivo a nível nacional, a valorização das obras literárias e das paisagens nelas representadas.

Assistimos, igualmente, não só a um crescente interesse pela teorização acerca da importância da literatura para uma melhor compreensão territorial, pela criação de itinerários como pela sua concretização. Veja-se, a título de exemplo, o trabalho absolutamente excepcional *No Trilho Literário Tomaz da Fonseca – passeio literário* que a Câmara Municipal de Mortágua, sob coordenação de Teresa Branquinho, organiza anualmente, desde 2016, em articulação com associações locais, promovendo os territórios, paisagens, personagens, quotidianos e gastronomia descritos nas obras daquele escritor.

Com efeito, múltiplas iniciativas, desenvolvidas por entidades diversas, têm ajudado a divulgar escritores, paisagens, sons, cheiros e sabores a partir das obras literárias. Muita dessa disseminação parte por um lado da noção de responsabilidade

partilhada, no sentido da proteção, conservação e salvaguarda dos territórios e das suas paisagens rurais e/ou urbanas e, por outro, de que esse património, chave da identidade local, deve ser estudado na perspetiva sociocultural, pela elaboração e divulgação dos itinerários culturais, numa concertada ação de integração da comunidade local.

Editam-se guias que permitem uma grande autonomia na descoberta dos territórios literários, como, por exemplo, o *e-book Os Caminhos do Conspirador* (ALMEIDA; BRANQUINHO, 2018) baseado no conto “O Conspirador”, de Branquinho da Fonseca, editado pela Câmara Municipal de Marvão, que permite fazer um percurso urbano, na vila de Marvão, e o antigo caminho dos contrabandistas entre Marvão e Valência de Alcântara; *Construção de um passeio literário: Cândido Guerreiro e a aldeia de Alte* (BALEIRO; QUINTEIRO, 2017) a coleção *Viajar com...* da responsabilidade da Direção Regional Cultura do Norte em colaboração com a editora *Opera Omnia*.

Trabalho profícuo se bem que ainda isolado e muitas vezes “asfocado” pela burocracia de áreas de atuação que empobrecem o resultado final, logo, o escritor e os territórios. Atente-se no interessantíssimo volume do *Viajar com... José Régio*. Como foi elaborado pela Direção Regional da Cultura do Norte, o desditoso Régio não “viaja” a Portalegre, sua terra de adoção e onde viveu cerca de 30 anos!

Bons ventos começam a soprar. Verifica-se que este isolamento tem tendência a inverter-se, de uma forma consistente e pragmática, numa articulação entre entusiastas de várias áreas de saber e diferentes regiões que se complementam para extrair da literatura a riqueza patrimonial e territorial que ela tem para oferecer.

Existem algumas experiências recentíssimas no domínio das Rotas Literárias quer a um nível geográfico mais restrito, como, por exemplo, O Ciclo da *presença* no Alto Alentejo² em que o trabalho em rede e as comunidades de prática (WENGER, 2010) se configuram como a grande possibilidade de sucesso, quer a um nível geográfico mais lato, como, por exemplo, “A Rota Literária do Algarve” (QUINTEIRO; BALEIRO, 2018), cujo projeto consiste na produção de 16 itinerários literários, em quatro idiomas.

A relação entre a literatura, que plasma aspetos da vivência da cidade, e a criação de experiências turísticas é uma área que deve ser promovida porquanto,

² Coordenado por Maria Mota Almeida, João Filipe Bugalho e Fernando Completo, é um movimento que, tendo como modelo inspirador a iniciativa e capacidade inovadora que representou o movimento “presencista” e sob o pretexto de três dos seus membros – José Régio, Branquinho da Fonseca e Francisco Bugalho – terem vivido e convivido na região, pretende criar, promover, impulsionar – relembrando o que foi a *presença*, os seus objetivos e conteúdos – um movimento inovador contemporâneo que, no Alto Alentejo, em particular na área do Parque Natural da Serra de São Mamede, dê origem às mais variadas ações em diferentes áreas as quais promovam elevação cultural nos campos da Literatura, das Artes e da Música, relacionando-as com a conservação da natureza e com desenvolvimento sustentável desta região interior fronteira.

entre outros aspetos, nos permite uma interpretação plural da urbe destinada a um público que gosta de “ver devagar”, ao deambular pelas ruas.

Com efeito, ao andar nas ruas apreende-se a cidade, ao descrever as ruas (re)constrói-se a cidade, perpetuando, na sua representação, o potencial da mesma enquanto espaço de sociabilidade, de vivências e de afetos. Potencial este subordinado às dinâmicas culturais e sociais que lhe estão inerentes, numa determinada época, filtradas pelo olhar do escritor que é também um *flâneur*, um observador, um leitor minucioso da cidade através do registo polifónico da vivência da(s) rua(s). Muitas vezes, as descrições textuais são tão pormenorizadas que transportam os leitores para a componente visual – imaginar através das palavras –, contribuindo para a formação de uma representação mental mais individualizada que facilita a assimilação dos espaços e respetiva comparação com a atualidade. Ora, é precisamente este património que deve ser valorizado, promovido e usufruído, visto que “conservar, em matéria de desenvolvimento, não é matar o património, esterilizando-o, [...]. É ajudar a tornar vivo o património no seio da própria comunidade a que pertence.” (VARINE, 2012, p. 120). Trata-se de contrariar os mecanismos de esquecimento patrimonial reabilitando os elos da identidade. Ao resgatar os traços patrimoniais inscritos nos territórios, contribui-se, em simultâneo, para melhorar a experiência turística, fazendo com que o leitor – viajante passe da fase de visitante em que apenas “vai ver” para uma maior proximidade com a cultura local, com os habitantes – visto não haver território cultural sem pessoas – tornando-se “parte integrante de”.

É, precisamente, a leitura e descrição da paisagem urbana de Coimbra, feita através das ruas, espelhada num romance de Branquinho da Fonseca, que pretendemos abordar neste artigo. O romance *Porta de Minerva* (1947) permite-nos, ao explorar as ruas das ditas cidades, compreender as suas vivências, as relações sociais que aí se estabelecem e os quotidianos em determinados momentos históricos.

Utilizámos, neste trabalho, o itinerário que se transforma numa ferramenta essencial na construção do paradigma imagético que se pretende veicular, ancorado, mas não aprisionado, no passado. Esta dimensão do “passado” é essencial, pois consolida a criação de um lugar vivido (AUGÉ, 1995) por contraponto ao efémero e mutável característico da sociedade contemporânea. Representação de um local, de uma realidade captada e fixada no tempo, mas não uniformizada artificialmente, afastando-se do pitoresco, do estereótipo, da encenação, do *cliché turístico* (YÁZIGI, 2000), muitas vezes plasmado nos livros de viagens, visto que a obra não foi arquitetada para esse fim. Sendo o turismo um fenómeno caleidoscópico marcado pela pluralidade, subjetividade e desdiferenciação (URIELY, 2005) a literatura, ao

incentivar à viagem, faculta uma imensa pluralidade de experiências turísticas. A diversidade da oferta está inscrita nas preocupações de todos os que trabalham no Turismo, bem expressa no PENT (2007), onde se defende ser “fundamental actuar ao nível do enriquecimento da oferta, desenvolvendo e inovando conteúdos tradicionais portugueses que constituam factores de diferenciação turística. Assim pretende-se partilhar com o leitor – viajante momentos da História e Cultura Portuguesas, literatura, música ou outros, em função do contexto” (2007, p. 9), correspondendo às exigências do “novo híbrido” (SANTOS, 2007, p. 291) que procura novas experiências. Experiências estas que se assumem como um fenómeno pluridimensional numa sociedade pós-moderna caracterizada pela volubilidade, pelas mudanças rápidas e imprevisíveis, transportando uma grande dose de incerteza e que, por isso mesmo, acentua a necessidade da busca da identidade (MAFFESOLI, 2001), do contacto genuíno com o local. Além disso, este “novo turista”, produto de uma sociedade em rápida transformação, sedento de novas experiências, prima pela busca de liberdade, autonomia, diversidade e diferenciação, permitindo-lhe aprofundar a qualidade e o domínio vivencial das ofertas e práticas turísticas. Variando estas, evidentemente, de acordo com os protagonistas, sua (in)formação, expectativas e realizações.

4.1 Estudo de caso

4.1.1 Metodologia

A estratégia metodológica utilizada baseou-se no “estudo de caso” e na análise de conteúdo. O “estudo de caso é o estudo da particularidade e complexidade de um único caso, conseguindo compreender a sua actividade no âmbito de circunstâncias importantes” (STAKE, 2009, p. 11) que deve ser usado quando se pretende compreender contextos com algum grau de complexidade, onde estejam envolvidos diversos factores e actores. É também um “estudo de caso”, quer devido à impossibilidade de exercermos controlo directo sobre os acontecimentos, visto que o conteúdo do conto é inalterável, quer porque existe uma intenção de intervenção, o que nos possibilitou o cruzamento do trabalho de campo com a apresentação de um itinerário.

A metodologia utilizada, no trabalho de campo, incluiu várias etapas que passamos a descrever:

- Leitura do romance *Porta de Minerva*;
- levantamento exaustivo de todos os elementos que, no romance, permitissem caracterizar a Coimbra estudantil, posteriormente catalogados temática e espacialmente;
- inventariação, criando conexões, de outros recursos patrimoniais da *urbe* que tenham uma aptidão turística e contribuam para o enriquecimento da experiência turística;

- levantamento de todas as fontes, primárias e secundárias, existentes no Arquivo Histórico Municipal de Cascais, onde se encontra o espólio do escritor, bem como de documentação que ainda está na posse dos herdeiros de Branquinho da Fonseca;
- leituras sobre a dimensão teórico-prática dos itinerários literários e a sua mais-valia em termos turísticos;
- elaboração do itinerário literário.

4.2 O autor: “moço de beleza imensa”: apontamentos biográficos

Figura 1 – Branquinho da Fonseca – Caricatura do livro de final de curso, 1927



Fonte: Livro “Queima das Fitas: IV Ano Jurídico: 27 de Maio de 1927”, PT/CMCSC-AHMCSC/APSS/ABF/A/002/002 CX 003

Sim, sonhar alto não faz mal. E nada chega à realidade sem antes ter sido sonho. Assim se começa. E lançar um grito, um protesto, uma sugestão, uma idéia, já é fazer alguma coisa (José Régio. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca, 24.8.1929) (Coleção Herdeiros de B.F.).

Nascido há 112 anos (1905) nas Ladeiras (Mortágua), filho do polémico escritor Tomás da Fonseca, António José, licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra.

O Homem de muitos sonhos, como astutamente salientou o seu amigo Régio, possibilitou a realização de muitos deles, mediante uma polifonia de inquietações que impulsionaram uma plêiade de concretizações em domínios extraordinariamente diversificados. Diversidade que advém da sua “inesgotável curiosidade” (MARGARIDO, 2006, p. 46)

Dedicou-se a sonhar e a promover o sonho, mediante um labor constante. Um homem de ação que deixou herança...

Em 1924, em Coimbra, lança a revista *Tríptico*, mas é em 1927 que funda, em conjunto com José Régio e João Gaspar Simões, a revista que se “converteria num dos mais influentes e duradouros órgãos literários de Portugal” (NEVES, 2011, p. 137): a *presença*. Nela usou várias vezes o pseudónimo, por vezes, até por sugestão de Régio: “Porque não pedes ao António Madeira colaboração para este número [da *presença*]? Não impede que tu colabores. Tanto mais que te queixas de não ‘haver quasi nada...’” (José Régio. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca 28-12-1928 (Coleção Herdeiros de B.F. Por vezes também assina como “António d’Outra Pessoa”).

Nas novelas, nos contos, no romance e na poesia, onde também utilizou, por vezes, o nome de António Madeira, escreveu com uma visão cheia de simbolismo e realismo, hábil em misturar o fantástico e o palpável, destacando-se pela intensidade psicológica das suas personagens e pelas descrições, quase cinematográficas, que habilmente tece dos locais narrados, das suas gentes, costumes e tradições, misturando o descritivo com uma boa dose de ironia sem, todavia, nunca perder a elegância.

No ano da sua formatura, em 1930, abandona a *presença* (n. 26 Abril – Maio) e funda a revista *Sinal*, de que só sai um número, juntamente com o também “dissidente” Miguel Torga. Começa a trabalhar, em Coimbra, como ajudante de Conservador de Registo Civil. Pouco tempo depois foi colocado como Conservador do Registo Civil em Marvão e depois na Nazaré – nesta localidade acumula o Registo Civil com o Predial, fixando residência em Cascais no final da década de 30. Na Nazaré, em 1939, concretiza mais um sonho: criar a Biblioteca. É o sócio nº 1.

Enquanto Conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães – Cascais – inicia, em 1953, a experiência das bibliotecas móveis. Infatigável divulgador dos livros e da leitura, desenvolveu, a partir de 1958, por convite de Azeredo Perdigão, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido o seu primeiro diretor, cargo que conservou até à sua morte.

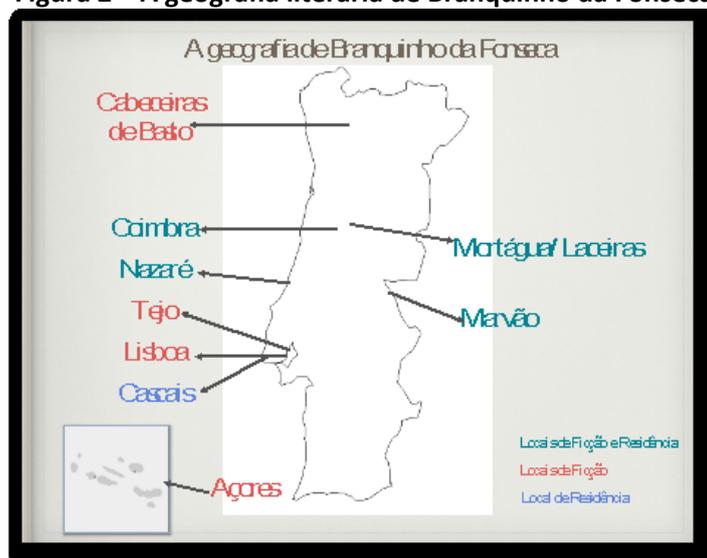
“Intelectual em Acção” como lhe chamou Orlando Vitorino (1984, p. 14).

Além da escrita e das “suas” Bibliotecas Itinerantes, Branquinho da Fonseca explorou campos tão diversos como a tradução, a organização de antologias, a marcenaria, o desenho, a gravação em linóleo e madeira, o grafismo, do qual destacamos o logótipo da revista *presença*, e a fotografia, onde ensaiou o mistério, o horror e o fantástico. Legou-nos um vasto conjunto de fotografias, apresentando-nos trechos dos locais onde habitou e que permitem, em certos casos, ilustrar as suas narrativas.

A geografia literária de Branquinho da Fonseca cruza-se, em parte, com a sua geografia biográfica. Coimbra, Nazaré e Marvão servem como fonte de inspiração para

algumas das suas obras literárias, permitindo que a escrita acompanhe o espaço e o espaço influencie a escrita. Outras localidades, onde não habitou, são igualmente retratadas nas suas obras, como é o caso de Cabeceiras de Basto, Lisboa e Vale do Tejo e as ilhas açorianas, conforme se pode observar no mapa infra.

Figura 2 – A geografia literária de Branquinho da Fonseca



Fonte: Elaborado por Maria Mota Almeida e Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira (2015).

4.3 A cidade de Coimbra (re)visitada por branquinho da Fonseca

Buscando no passado as marcas que lhe define a singularidade, as biografias das cidades isolam vestígios, preservam episódios, seleccionam vozes, memórias, espaços, edificações, enquanto outros passam para um segundo plano ou permanecem esquecidos (BEBIANO, 2007, p. 123).

Coimbra inspirou o romance onde são retratados personagens, locais e episódios que o escritor e presencista vivenciou e experienciou durante a vida de estudante. Tal como para outros escritores, Trindade Coelho, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Tomás de Figueiredo, José Régio, Miguel Torga, impôs-se a cidade académica com todo o peso institucional e simbólico de uma Universidade com um passado fortemente consolidado e de uma faculdade, a de Direito, marcante para muitas gerações. A cidade que acolhe o personagem principal não terá, nos anos 30, mais de 40.000 moradores e o universo estudantil não ultrapassaria 15% da população total, apesar da dinâmica que imprimiu à mesma, bem como à predominância no romance em causa. A dimensão espacial da cidade manteve-se, tal como descrita no romance, bastante circunscrita até aos anos 40-50, época em que se destruiu parte significativa da velha Alta para dar lugar a um grande complexo universitário. Com efeito, no romance, as

ruas da Baixa, da Alta, o Largo da Portagem, o Pátio da Universidade, o Museu Machado de Castro, os Arcos do Jardim, o Jardim Botânico e o Penedo da Saudade são o espaço de deambulação. Ocasionalmente, vai-se a Santa Clara e ao Choupal. As incursões mais longínquas são a Penacova e ao Bussaco.

Faremos, seguidamente, uma sùmula do romance, no sentido de permitir quer uma maior familiarização do viajante com a obra, quer de promover uma motivação acrescida, despertando o interesse pela leitura integral. Saliente-se que “[...] a dimensão auto-biográfica é patente: espaço, tempo histórico e personagens constituem um mundo que se deixa ler à luz de coordenadas históricas e histórico-literárias precisas e bem determinadas” (FERREIRA, 2004, p. 25).

4.4 O romance: *A porta de Minerva* (1947)³

Todo o livro está construído simbolicamente, com a descrição fiel, ora dramática, ora cómica, do ritual de iniciação do adulto, que a Universidade representa ou julgou um dia poder representar. O facto é particularmente saliente na Universidade de Coimbra... Nas ruas e tabernas de Coimbra há uma educação de adolescentes que se processa... É no entanto, a amizade, a única conquista positiva... (QUADROS, 1964, p. 41-42).

Único romance escrito pelo autor, retrata criticamente o mundo estudantil de Coimbra, tendo, como mencionámos, um pendor autobiográfico encarnado na personagem de Bernardo Cabral, estudante de Direito em Coimbra. O estudante chega de comboio à cidade, onde o pai tinha estudado, vindo da sua aldeia que “não vem no mapa. É uma aldeiazita, ao pé de uma serra, entre pinhais, onde se julga que o mundo é pouco mais do que se avista do cimo dos montes” (p. 402) e que facilmente identificamos com a sua terra natal. Este personagem, protegido pelo quartanista Inácio Gaio, seu conterrâneo, congrega a imagem, não tipificada, do estudante de Coimbra visto que nunca se integra totalmente no espírito das várias tradições que enquadram o quotidiano dos estudantes. Este distanciamento crítico não é generalizável aos outros estudantes retratados. Com efeito, o romance perpetua, na generalidade, o modelo dominante nas representações da vida estudantil, desta população flutuante que transforma os verdadeiros habitantes em figuras secundárias. Bernardo começa com a praxe, que lhe foi imposta à chegada e o aprisionou, e termina com a praxe libertadora correspondente à conclusão do curso em que “sentia que era, enfim, um homem livre” (p. 447).

³ Começou por ter outros títulos: “As Sete Colunas” ou “A Porta Férrea”. O autor hesitou em assinar como Branquinho da Fonseca ou como António Madeira, seu pseudónimo, vencendo o primeiro.

O dia a dia estudantil é marcado pela boémia, pelo álcool, pela peregrinação à volta das tascas, pelo divertimento entre pares, essencialmente masculino, entrecortado pelo deslumbre com o encanto feminino quebrando, com esta multiplicidade de distrações, a monotonia das aulas, a burocracia escolar, o estudo e as sebatas. Paralelamente descreve-se uma boémia mais politizada, mais interventiva, mais amiga das tertúlias nos cafés da Baixa, mais construtiva, mais literata, onde um grupo cria uma revista de cultura, a *Agora*, que poderemos assemelhar, na idealização e na concretização, à *presença, folha de arte e crítica*. O grupo constituído por Bernardo Cabral – Branquinho da Fonseca –, Júlio – José Régio – e por Barroso – Edmundo de Bettencourt, responsável pelo nome da revista quer na ficção, quer na realidade – corresponde, em parte, ao grupo que originou a revista, faltando apenas a referência a João Gaspar Simões.

Bernardo Cabral vai inicialmente habitar na, segundo ele, lúgubre “Real República dos Kágados” onde “a porta da rua estava sempre aberta e dava para uma escada estreita, íngreme e negra como um cano”. A escada é um dos sinais visíveis da decadência de um espaço que se assemelha à interioridade de muitos que o habitam e que o fazem afastar-se. Com efeito, a vida comunitária na decrépita República para onde foi, a conselho do pai, não o seduz e no ano seguinte vai alugar um quarto na Rua da Ilha, numa casa com “largo portão de altas cantarias de pedra branca com brasão esculpido na padieira coríntia” (p. 115). Nesta casa-refúgio, cujo quarto tem “uma grande janela sobre a paisagem do rio” (p. 287) Bernardo retoma o seu legítimo estatuto social do qual estava separado, apenas, por uma simples viagem de comboio. Quando vai a Mortágua, em férias, pacifica-se com esse reencontro. Os passeios pela “floresta silenciosa e serena” (p. 427) fazem-no regressar ao seu ambiente, ao envolvente que ele valoriza, visto que “aí, o sentido das coisas despe-se das roupas transitórias e o homem sente o contacto com a eternidade esquecida. Tudo se simplifica e nessa simplificação ganha verdade e força” (p. 427).

O universo académico interessa-o pouco, tal como confia ao pai: “a verdade é que tudo aquilo, visto de perto, com um pouco de espírito crítico, é de uma chateza e estupidez completas” (p. 233), assim como à própria estátua de Minerva que “olhava para longe, hierática, indiferente e serena na sua perfeita sabedoria” (p. 238). O Direito ainda o interessa menos: “no Direito só via uma coisa estéril e bafienta, negativa e imobilizadora do homem” (p. 258). Não era só ele que não se interessava pelo curso, sendo que “nem mesmo os *ursos* iam com o interesse de quem vai aprender alguma coisa” (p. 317).

Nesta transposição da realidade para a prosa, Branquinho da Fonseca convida-nos a penetrar nos hábitos quotidianos, defeitos, qualidades ou, simplesmente, modos

de estar e atuar da comunidade estudantil inspirada pelo 'Basófilas' na primeira metade do séc. XX.

Como já referido anteriormente, os levantamentos dos referentes do texto permitem-nos percorrer, um espaço que abarca, quase na totalidade, o ângulo da cidade, classificada como Património Mundial: Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, Museu Machado de Castro, zona cultural e turística por excelência.

4.5 Itinerário literário

“Coimbra é uma paisagem pintada” (p. 348).

Vamos, pois, à procura das “pinturas” que ainda hoje preenchem essa paisagem.

O itinerário literário proposto⁴ insere-se nos chamados itinerários históricos “delineados para tornar testemunhos históricos em pontos de interesse turístico” (MOTA, 2013, p. 87), promovendo a cultura local. Trata-se de um itinerário pedestre, de acessibilidade média, em percurso linear, visto que o ponto de partida é diferente do de chegada. O itinerário será de acesso gratuito, disponibilizado através da internet e de desdobráveis, tendo sido criado para permitir uma visita de forma autónoma. Apesar de ser de curta duração, pois pode ser realizado num dia, o objetivo é que ao despertar a curiosidade, pelos novos significados que a obra literária trouxe a este espaço nobre da cidade, o peregrino literário (HERBERT, 2001) frua e usufrua, repita o percurso, prolongue a estada.

Percurso – as indicações que se seguem são meramente informativas podendo variar de acordo com as opções seguidas:

Distância: 1947 m

Duração: uma hora de caminhada mais as necessárias à observação e/ou visita de locais.

Desnível acumulado: 184 m e (–) 85m

Dificuldade: Fácil

Pontos de passagem

1 – Estação Nova – Início do Percurso

2 – Rua da Sofia

3 – Baixa (Café Central – Rua Ferreira Borges n. 11)

4 – Baixinha

5 – Real República dos Kágados – R. Joaquim António de Aguiar 98

⁴ O presente Itinerário integra a *Rota Literária Branquinho da Fonseca* elaborada por Maria Mota Almeida com colaboração de Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira, neto do escritor. Neste momento integra o Itinerário Literário na Nazaré, Mortágua, Coimbra, Lisboa e Marvão.

6 – Sé Velha

7 – Museu Nacional Machado de Castro

8 – Universidade (Porta de Minerva) – Fim do percurso

Figura 3 – Itinerário proposto



Fonte: Elaborado por João Reis (2020).

Local 1 – ESTAÇÃO NOVA

Figura 4 – A chegada no comboio – Estação Nova



Fonte: Arquivo particular (2019).

Uma das hipóteses, mais próximas do texto, é chegar de comboio, tal como Bernardo e começar o percurso a partir da Estação, não da Velha que é muito longe, mas da Nova. O nosso caloiro apanha o elétrico, ‘escoltado’ pelo quartanista, seu conterrâneo, Inácio Gaio, para a Real República dos Kágados.

Na viagem de reconhecimento pela cidade, destaca a Universidade, pois “é ali que entrarás com esse intelecto apagado e sairás com algumas luzes...” (p. 204) e, sobretudo, a célebre Porta Férrea, “símbolo da dureza da luta que a vida exige, da humilhação, do triunfo, da necessidade de hierarquia, da coragem; [...] é a porta estreita, e poucos passam por ela ... ou é a porta larga do falhanço...” (p. 204-205).

Uma alternativa igualmente enriquecedora para chegar à Real República, acompanhando o perímetro classificado pela UNESCO, é caminhar pela Rua da Sofia. É essa que propomos: seguir pela Av. Fernão de Magalhães até ao Largo das Olarias e daí pela rua da Louça ou da Moeda até à praça 8 de Maio e depois Rua da Sofia. Estamos a chegar ao coração da Baixa.

Local 2 – RUA DA SOFIA

Figura 5 – Praça 8 de Maio



Figura 5a – Rua da Sofia



Fonte: Arquivo particular (2019).

Local 3 – BAIXA – Café Central – Rua Ferreira Borges n. 11

Figura 6 – Rua Ferreira Borges



Fonte: Arquivo particular (2019).

Figura 6a – Antigo Café Central



Fonte: Arquivo particular (2019).

Vamos descer “até à Baixa, a rua elegante do burgo [...] Ali havia já um ar de cidade, um ruído difuso de multidão, de eléctricos e automóveis que circulavam tocando as buzinas. Às portas dos cafés, grupos de estudantes parados a conversar” (p. 211).

Nesta zona efervescente da cidade, “numa dessa tarde, à volta da mesa do pequeno café [o Central, na Rua Ferreira Borges, n. 11, foi transformado numa loja] Bernardo propôs a fundação de uma revista” (p. 371). O que inicialmente parecia uma utopia, pela escassez de meios, acaba por se concretizar: Júlio, Barroso e Bernardo Cabral fundam a *Agora*. Pretendia-se uma “folha donde se dissesse à sonolência nacional, aos bonzos das letras e das artes, tudo o que se pensava deles e de todos, donde se fizesse ouvir a voz de guerra às múmias e o grito de triunfo dos novos caminhos” (p. 371).

O triunvirato corresponde, em parte, ao grupo que idealizou e concretizou a *presença*, como por nós salientado.

Local 4 – BAIXINHA – Igreja de S. Bartolomeu

Figura 7 – Baixinha



Fonte: Arquivo particular (2019).

Figura 7a – Baixinha (ao fundo a Igreja)



Fonte: Arquivo particular (2019).

Se continuarmos iremos ter à “Baixinha” e deparar-nos-emos com uma realidade contrastante: “Vaguearam pelo labirinto das velhas e feias vielas da parte baixa da cidade, negras e apertadas como canoas.”

Estando na “Baixinha”, ao acompanharmos o percurso dos personagens do livro, verificamos que se trata de uma zona de passagem. O “acaso dos passos os levou [os dois amigos] outra vez à margem desafrontada do rio. Ali o céu era grande e o ar puro. Continuaram caminhando sem destino ao longo do cais. Sentaram-se num banco” (p. 313). Aproveitemos para usufruir da margem ribeirinha completamente diferente da dos anos 30.

No jardim, à beira rio, encontramos Mr. Ardison, inglês, pai de Elizabeth, amiga de Bernardo: “um homem todo vestido de branco, de cachimbo e bengala, que atravessava o jardim, a largas passadas” (p. 254). “Mr. Ardison encaminhou-se para a rua central da cidade, onde o movimento era maior” seguia-o uma comitiva de estudantes que sopeteava da sua aparência, visto que “Não era uso andar-se vestido de branco. Ninguém andava” (p. 254).

O Inglês continuava o percurso, tal como a nossa proposta:

Na mais desconcertante indiferença [...] voltou para o Arco de Almedina [...] subiu a Rua do Quebra Costas e parou diante da Sé-Velha. Todos pararam. O inglês admirou mais uma vez o velho templo [...] olhou longamente as esculturas que ornamentavam a porta lateral, tirou do bolso o guia de capa azul, leu e tornou a admirar como se estivesse ali sozinho. Mr. Ardison acabou a contemplação do monumento e seguiu pela ladeira acima (p. 255-256).

Passamos novamente pela Baixa e continuamos pela Ferreira Borges até ao Arco de Almedina, subimos ao Quebra Costas e, deixando por momento Mr. Ardison, paramos na Rua Joaquim António de Aguiar, n. 98 para visitar a Real República dos Kágados.

Local 5 – REAL REPÚBLICA DOS KÁGADOS

Figura 8 – Real República dos Kágados na atualidade



Fonte: Arquivo particular (2019).

A Real República: “Famosa entre as famosas! Sábia entre as sábias! Temida entre as temidas!” (p. 205) surge em 1933, é a mais antiga de Coimbra e ainda hoje existe. “O quarto, de uma simplicidade conventual” (p. 207) vai ser, durante o primeiro ano de Bernardo, o seu porto de abrigo, tendo-se-lhe tornado “familiar e simpático” (p. 207).

Na Queima das Fitas:

A frontaria da casa estava com a decoração habitual das repúblicas naquele dia festivo. Em todas as janelas tinham pendurado os mais variados objectos de uso e até peças de mobiliário: lavatórios de ferro, baldes, bacios de esmalte, um velho chapéu-de-chuva, cadeiras, tapetes, malas, sapatos, uma saia branca da criada ao lado de umas velhas calças, e, ao meio da frontaria do prédio, a bandeira da república hasteada numa vassoura. A bandeira era uma velha capa esfarrapada [...] (p. 263).

Daqui seguimos para a Sé-Velha, lugar central, ponto de encontro e de despedida, onde continuaremos a acompanhar Mr. Ardison.

Local 6 – SÉ-VELHA

Figura 9 – Sé Velha



Fonte: Arquivo particular (2019).

Figura 10 – Sé Velha



Fonte: Arquivo particular (2019).

Meteu para uma das travessas e embrenhou-se no labirinto das ruelas. Quando chegou ao Largo da Sé-Velha ouviu vozes. Vinha um grupo de estudantes a subir as escadas do Quebra-Costas, que ergueu um clamor: eram os companheiros de há pouco. Debaixo do pórtico da Sé-Velha estavam outros estudantes sentados nos degraus da entrada do templo (p. 331).

Se fizermos o percurso durante a Queima das Fitas ainda hoje podemos admirar um cenário não muito diferente do descrito por Branquinho da Fonseca:

O cortejo foi-se desdobrando e estendendo pelas velhas ruas, a caminho da parte baixa da cidade. Eram carripanas de todos os géneros e feitios, desde carroças, camionetas e automóveis, aos carros puxados a bois, todos cobertos de flores de papel, de ramos de árvores, de folhas de palmeira, numa apoteose pagã (p. 266).

Partindo da Sé, subimos para o Museu Nacional Machado de Castro enquanto se admira a paisagem:

Local 7 – MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO

Figura 11 – Vista sobre o Mondego



Fonte: Arquivo particular (2019).

Começamos pela paisagem:

Naquelas ruas estreitas que descem íngremes e sombrias, o sol só espreita por momento por entre as casas altas, e passa adiante. Coimbra é uma cidade que tem apenas sol nos telhados, nas janelas que olham para o rio e nos campos dos arredores. As ruas são frias e húmidas, apertadas entre velhas casas, ruas tortuosas, em ziguezague, com escadinhas e arcos medievais (p. 211).

Era da janela do quarto que se avistava uma paisagem soberba: “os telhados da cidade a descerem para o rio, na outra margem as colinas verdes e mais ao longe o Choupal como uma floresta virgem” (p. 207), ainda hoje parcialmente visível. Ou mais à frente “Olhou através da vidraça o arvoredo denso do Choupal, adiante, na curva do rio, aquela curva cheia de doçura e sonho... O sol da manhã dava aos verdes da paisagem um tom fresco e alegre” (p. 322).

Figura 12 – Museu Nacional Machado de Castro



Fonte: Arquivo particular (2019).

Continuemos a acompanhar o inglês:

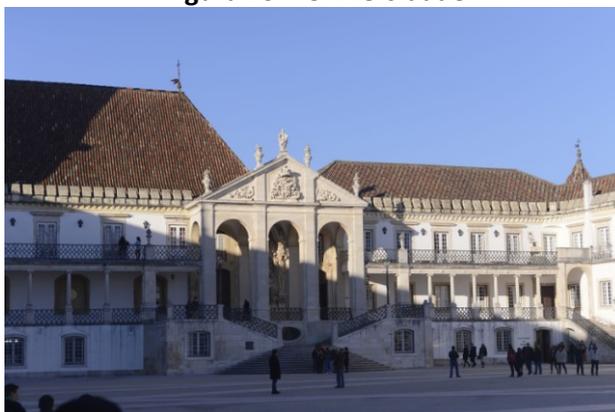
Mr. Ardison dirigia-se ao Museu. Entrou. [...] O Gil subiu acima de um velho banco de pedra e falou à multidão [que tinha acompanhado o inglês até ali]: – Ninguém saia do seu lugar! Esperamos até que ele volte. Vou saber a que horas isto fecha” (p. 256). A fila pacientemente esperou até que, quando estavam a desesperar, “Mr. Ardison saiu do Museu e imediatamente o Gil se colou a ele e a bicha deslizou e o seguiu passo a passo. Subiram a pequena travessa que vai dar ao Largo da Sé Nova (p. 257).

Mr. Ardison desceu à Praça da República, seguindo pela Avenida “sempre alheio e impassível” (p. 257), regressou às ruas da Baixa e ao chegar ao Largo da Portagem entrou no Hotel e da soleira da porta agradeceu ao cortejo que correspondeu com “Uma viva à Inglaterra” (p. 258).

Nós não acompanharemos o cortejo até ao rio porque acabámos de vir de lá. Na Sé-Nova subimos para a Universidade. Entramos pela Porta de Minerva, espaço frequentado assiduamente pelo nosso protagonista.

Local 8 – UNIVERSIDADE – Porta de Minerva

Figura 13 – Universidade



Fonte: Arquivo particular (2019).

Figura 14 – Universidade de Coimbra



Figura 15 – Porta Férrea



Fonte: Arquivo particular (2019).

Figura 16 – Minerva e Porta de Minerva



Fonte: Arquivo particular (2019).

Minerva “olhava para longe, hierática, indiferente e serena na sua perfeita sabedoria” (p. 238).

“A Porta Férrea, ao fundo da rua, com sua moldura de pedra escura dos séculos, coroada por El-Rei D. Dinis em seu nicho, tinha um ar solene e impassível, engolindo as capas pretas que caminhavam para ela” (p. 444).

Relativamente ao funcionamento desta instituição Bernardo exercita amplamente o espírito crítico que, por vezes, se revela cáustico, por vezes humorado, mas sempre inconformado. Só considera que atinge a liberdade quando se liberta dos grilhões universitários que o aprisionam e o fizeram conhecer melhor o pior da espécie humana: “Olha para a cara destes pobres-diabo, os dignos representantes da Magna

Besta. Julgam que a vida é só isto e que a sebenta é a Bíblia da Humanidade... Lá na terra tocam-lhes a música à chegada e a Pátria tem mais um grande homem!..." (p. 445).

5 Fim do curso e o regresso à liberdade

Apesar de Bernardo Cabral defender que "O verdadeiro interesse não é chegar ao fim seja do que for, mas caminhar para lá" (p. 439) concluiu, apesar do atraso, o curso de Direito. Nesse dia sentiu a liberdade. "Atravessou o jardim da Universidade; pela nobre Porta de Minerva, com seu arco coroado pela deusa antiga, desceu à rua estreita. E como num regresso simbólico à pureza primitiva, nu, debaixo da velha capa sacudida pelo vento, sentia que era, enfim, um homem livre" (p. 447).

A atitude crítica durante a frequência do curso esteve sempre presente como já mencionámos, mas não será demais repetir: "nem mesmo os *ursos* iam com o interesse de quem vai aprender alguma coisa. Fingiam, sentados nas carteiras, habituando-se a usar uma máscara de conveniência. Talvez fosse essa a utilidade que dali traziam para a vida: aprender a afivelar a máscara" (p. 317). Não será esta mensagem ainda muito atual? Não seremos uns animais domesticados, uns escravos modernos, como podemos ler numa parede junto à Sé?

Figura 17 – Parede junto à Sé-Velha



Fonte: Maria Mota Almeida (2018).

Não estarão as cidades a tornar-se, voluntariamente, escravas do imparável fluxo turístico? Esquecer-se-ão das consequências para os seus habitantes? Estes sim, constituem o verdadeiro filão que ajuda a preservar a memória, a história e o património, logo a perpetuar o lugar turístico. É urgente protegê-los. Não devemos

esquecer que há que se contrariar o paradoxo em que assenta o turismo: ele alimenta-se daquilo que destrói mas que também ajuda a construir.

6 Conclusão

O verdadeiro interesse não é chegar ao fim seja do que for, mas caminhar para lá (p. 439).

A ligação entre a literatura e o turismo transporta-nos para mais uma das infinitas possibilidades de promover o turismo cultural, permitindo-nos criar uma pluralidade de ofertas turísticas diferenciadas e, porque não, sofisticadas. A recuperação e a (re)construção de um passado, logo de uma memória materializada num espaço e num tempo, imortalizada no texto literário, fazem deste um meio privilegiado para a (re)construção de espaços acompanhando as lógicas e ritmos dos novos cenários turísticos.

A literatura, o território e o turismo podem estabelecer uma relação privilegiada na medida em que as vivências e experiências do autor possibilitam um (re)encontro com um local por si perpetuado, possibilitando percorrer os mesmos espaços do protagonista. No presente caso, a obra selecionada transporta-nos para diferentes cenários e experiências urbanas e sempre para um regresso às origens estudantis do autor, que podemos identificar no papel do protagonista.

Por outro lado, este texto literário, bem como o território onde se alicerça, na sua complexidade de fatores históricos, culturais e sociais, constituem a base material de qualquer manifestação patrimonial cultural e são o ponto de partida que possibilita estruturar um itinerário diversificado. O recurso aos novos sistemas de informação e comunicação são imperativos pela facilidade de disseminação do itinerário, como pela utilização mais autónoma, individual e modulável que se adequa melhor ao perfil de um turista cada vez mais tecnológico.

O futuro dos trabalhos, como o que agora se apresenta, implica, em nossa opinião, uma articulação entre parceiros locais, onde se incluem os agentes de animação, que trabalhem neste nicho de experiência turística. A dimensão participativa da comunidade enquanto promotora de experiências turísticas, visto ela própria partilhar no seu quotidiano muitas das práticas que alimentam esta portentosa indústria, deve ser fortemente estimulada para que esta não se sinta excluída de um projecto que deve considerar seu, reafirmando deste modo a sustentabilidade e a manutenção do estatuto identitário da própria *urbe*, enquadrada num processo que se deseja permanentemente evolutivo.

Referências

- ALMEIDA, M.M. Viagens na minha serra: Percorrer a região do Caramulo na companhia de Branquinho da Fonseca. *In*: BALEIRO, R.; QUINTEIRO, S.; SANTOS, I. (ed.). **Viagens, relatos e itinerários**. Faro: Universidade do Algarve, 2016a, p. 61-78.
- ALMEIDA, M.M. **Os primeiros cinquenta anos do Museu – Biblioteca Condes de Castro Guimarães**: Pioneirismo mediado pela ação cultural e educativa. Lisboa /Paris: Nota de Rodapé Edições, 2016b.
- ALMEIDA, M.M. António José Branquinho da Fonseca: A ação de um intelectual. **Estudos Regionais**, n. 24/25 (II série), p. 91-114, 2018a.
- ALMEIDA, M.M. Viajar com Branquinho da Fonseca: A obra literária e fotográfica como recurso patrimonial para a valorização de um local. *In*: GRAÇA, F.; VALE, J.; CASTAÑO, I. (coord.). **Patrimonialização e sustentabilidade do património**: Reflexão e prospetiva. Lisboa: IHC – NOVA FCSH, 2018b, p. 316-344.
- ALMEIDA, M.M. Fonseca, António José Branquinho da. **Dicionário, quem é Quem na Museologia Portuguesa**. Emília Ferreira, Joana d’Oliva Monteiro, Raquel Henriques da Silva (coord.), Edição Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA-e, 2019.
- ALMEIDA, M. M.; BRANQUINHO, L. (coord.) **Os caminhos d’O Conspirador**. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, 2018.
- ALMEIDA, M.M.; OLIVEIRA, L. B. Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Ramón... *In*: LOUSADA, M. A.; AMBRÓSIO, V. (ed.). **Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, 2017. p. 213-230 ISBN: 978-972-636-247-0. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/27298> CEG-IGOT-ULisboa.
- AUGÉ, M. **Non-Places. Introduction to an Anthropology of Supermodernity**. London/New York: Verso, 1995.
- BALEIRO, R.; QUINTEIRO, S.; SANTOS, I. (ed.). **Literatura e turismo: Viagens, relatos e itinerários**. Faro: Universidade do Algarve, 2016.
- BALEIRO, R.; QUINTEIRO, S. **Construção de um passeio literário**: Cândido Guerreiro e a aldeia de Alte. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 2017.
- BALEIRO, R.; QUINTEIRO, S. **Key concepts in literature and tourism studies**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas, 2018. ISBN: 978-989-96677-6-1.
- BEAUFRET, J. **Introduction aux philosophies de l'existence**. De Kierkegaard a Heidegger. Paris: Danoel/Gonthier, 1971.
- BEBIANO, R. **Coimbra**: a luta estudantil e o património identitário da cidade in um século de lutas académicas. Coord. de Amadeu Carvalho Homem. Coimbra, Editorial Moura Pinto, 2007. p. 123-150.
- BISMARCK, P. L. Treze (tristes) teses sobre o Turismo. **Revista Punkto**, n. 18-1, 2016. Disponível em: <http://www.revistapunkto.com/2009/12/punkto-punkto-e-uma-revista-irregular.html>. Acesso em: abr. 2017.
- BOAVIDA-PORTUGAL, L. O turismo nas áreas históricas de Lisboa e Porto. Ameaça ou oportunidade? **O Observador**, 28-5-2016. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/o-turismo-nas-areas-historicas-de-lisboa-e-porto-ameaca-ou-oportunidade/>. Acesso em: nov. 2018.
- BUSBY, G.; HAMBLY, Z. Literary Tourism and the Daphne du Maurier Festival. *In*: PAYTON, P. (ed.). **Cornish Studies Eight**. University of Exeter Presse, Exeter, 2000. p. 197-212.

- BUTLER, R. Literary Tourism. *In*: JAFARI, J. (ed.). **Encyclopedie of Tourism**. London / Nova York: Routledge, 2000, p. 360.
- CATÁLOGO DO 1º SALÃO DOS INDEPENDENTES, Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1930.
- CORREIA, J. de A. **Horas mortas**. Peso da Régua, Imprensa do Douro, 1968.
- FERREIRA, A. **Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.
- FIGUEIRA, L. M. **Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural**. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2013.
- FONSECA, B. Entrevista concedida a Manuel Poppe. Gravação áudio – arquivo particular. Agosto, 1971.
- FONSECA, A. J. B. da. (2010[1947]c), Porta de Minerva. *In*: FERREIRA, A. (ed.). **Obras Completas II**. p. 195-447, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.
- GENTILE, R.; BROWN, L. A life as a work of art: literary tourists' motivations and experiences at il vittoriale degli italiani. **European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation**, v. 6, n. 2, p. 25-47, 2015.
- HENDRIX, H. Literature and tourism: Explorations, reflections, and challenges. *In*: BALEIRO, R.; QUINTEIRO, S. (ed.). **Lit&Tour: ensaios sobre literatura e turismo**. V. N. de Famalicão: Húmus, 2014. p. 10-29.
- HENRIQUES, C. **Turismo Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável**. Lisboa: Sílabo, 2003.
- HENRIQUES, J. M.; PACHECO, C. **Branquinho da Fonseca – Um Escritor na Biblioteca**. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 2012.
- HERBERT, D. Literary Places, Tourism and the Heritage Experience. *In*: TRIBE, J. (Ed.). **Annals of Tourism Research**, v. 28, n. 2, p. 312-333, 2001.
- JAFARI, J. Literary Tourism. **Encyclopedia of Tourism**, Routledge: London/New York, 2000.
- JENKINS, I.; LUND, K.A. (ed.). **Literary Tourism – Theories, Practice and Case Studies**. London: Cabi, 2019.
- KNAFOU, R. L'invention du Tourisme. *In*: A. Baillye e D. Pumain (Dir). **Encyclopédie de la Géographie**. Paris: Economica, 1992.
- LEITÃO, I. Reflections on Writer House Museums and Foundations and Literay Tourism in Some European Countries and in Portugal 2016, **New Challenges Strategies and Trends in Tourism and Management: Proceedings of the TMS Algarve 2016 Conference**. Santos, J., Renda, A., Lanquar, R. & Dimitrov, P. (ed.). Algarve: Universidade do Algarve, vl. 1. p. 221-240, 2016. (TMS Conference Series).
- LIPOVETSKY, G. [1983]. **A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Ed. 70, 2013.
- LOBO, R. Rua da Sofia. Um *campus* universitário em linha. **Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**, Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n. 25, p. 24-31, set. 2006.
- LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- MADER-HERRMANN, J. **Branquinho da Fonseca: profils et perspectives**. 1993. Tese (Doutorado) – Policopiada, Université de Toulouse-Le Mirail, 1993.
- MAFFESOLI, M. **Sobre o Nomadismo. Vagabundagens pós-modernas**. São Paulo: Editora Record, 2001.
- MACHADO, A. **O território literário de “A Casa Grande de Romarigães”**. Uma aposta de dinamização turística no Alto Minho. 2013. Disponível em:

- http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/4753/1/2013.01.001_.pdf. Acesso em: jun. 2015.
Realidade Aumentada aplicada à museologia.
- MARGARIDO, A. O cinema e a criação plástica na vida e na obra de José Régio. **Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Estudos e Ensaios**, Lisboa, ULHT, n. 10, p. 43-55, 2006.
- MARTINS, G.O. **Ao Encontro da História – O Culto do Património Cultural**. Lisboa: Gradiva, 2018.
- MATOS, J. **Pelos espaços da pós-modernidade**: a literatura de viagens inglesa da segunda grande guerra à década de noventa. Porto: Edições Afrontamento, 1999.
- MOUTINHO, A. **Realidade Aumentada aplicada à museologia**. Tese (Doutorado) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa, 2015.
- NEVES, M.S. A revista *presença* e a consumação de um projecto de cosmopolitismo estético-literário. **Limite**, n. 5, p. 133-152, 2011.
- OKECH, R. Socio-cultural Impacts of Tourism on World Heritage Sites: Communities’ Perspective of Lamu (Kenya) and Zanzibar Islands. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 15, n. 3, p. 339-351, 2010.
- PATUELLI, R., MUSSONI, M. & CANDELA, G. The effects of World Heritage Sites on domestic tourism: a spatial interaction model for Italy, **Journal of Geographical Systems**, 15, 369-402, 2013.
- PENT. **Plano Estratégico Nacional do Turismo**. Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal. Lisboa: Turismo de Portugal, 2007.
- PORIA, Y., REICHEL, A.; COHEN, R. Tourists perceptions of World Heritage Site and its designation. **Tourism Management**, n. 35, p. 272-274, 2013.
- PINTO, P. **Coimbra**. Coimbra: Everest Editora, 2001.
- QUADROS, A. “Virtualidade e Frustração/ “A Porta de Minerva”, de Branquinho da Fonseca”. *In*: QUADROS, A. **Crítica e verdade**. Introdução à Actual Literatura Portuguesa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1964. p. 38-44.
- QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. (ed.). **Lit & Tour – Ensaios sobre Literatura e Turismo**. V.N. Famalicão: Edições Húmus, 2014.
- QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. **Estudos em literatura e turismo**: conceitos fundamentais. Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.
- QUINTEIRO, S.; HENRIQUES, C. O turismo literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio, Book of proceedings vol. I – **International Conference on Tourism & Management Studies**, Algarve 1, p. 600-611, 2011.
- RÉGIO, J. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca 28-12, 1928. (Coleção Herdeiros de B.F.).
- RÉGIO, J. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca 24-8, 1929. (Coleção Herdeiros de B.F.).
- RÉGIO, J. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca 6-11, 1935. (Coleção Herdeiros de B.F.).
- RÉGIO, J. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca 18-11, 1935. (Coleção Herdeiros de B.F.).
- ROBINSON, M.; ANDERSEN, H.-C. **Literature and tourism**: essays in the reading and writing of tourism. Londres: Thomson, 2003.
- ROCHA, C. A novelística de Branquinho da Fonseca: uma questão de iluminação. *In*: VARELA, J. (dir.). **Revista Colóquio/Letras**, Ensaio, n. 159/160, p. 175-192, jan. 2002.
- ROGER, Alain. **Court traité du paysage**. Paris: Gallimard, 1997. (Coleção Bibliothèque des Sciences Humaines).

- ROSSA, W. A Sofia. Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. **Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**, Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n. 25, p. 19-22, set. 2006.
- SALAZAR, O. Duas palavras de prefácio. **Discurso e Notas Políticas II (1935-37)**. 2. ed. Coimbra Editora 1945. p. XIX-XXI.
- SANTOS, F. **Turismo mosaico de sonhos**: incursões sociológicas pela cultura turística. Lisboa: Colibri, 2007.
- SARDO, A.N. Turismo literário: a importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In: SIMÕES, J.; FERREIRA, C. (Ed.). **Turismos de nicho**: motivações, produtos, territórios. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1999, p.339-352.
- SERRA, C.; TORRES, C. **Os Caminhos da Candidatura a Património da Humanidade**. Coimbra, Universidade de Coimbra, Gabinete de Candidatura, 2005.
- SIMÕES, M.L.N. De Leitor a Turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Belo Horizonte: ABRALIC, v. 6, p.177-183, 2002. Disponível em: www.uesc.br/icer. Acesso em: jun. 2015.
- STAKE, R. **A arte da investigação com estudos de caso**. 2. ed. Lisboa:, F.C. Gulbenkian, 1995/2009.
- URIELY, N. The Tourist Experience. Conceptual Developments. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n. 1, p. 199-216, 2005.
- VARINE, H. **As raízes do futuro**: o património ao serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- VITORINO, O. Intelectual em Acção. **Boletim Cultural – Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas**, F.C. Gulbenkian, VI Série, n. 1, jan. 1984.
- WENGER, E. Communities of Practice and Social Learning Systems: the Career of a Concept. In: BLACKMORE C. (ed.). **Social Learning Systems and Communities of Practice**. London: Springer, 2010.
- YÁZIGI, E. Subsídios sobre o papel da fantasia no planeamento do turismo. In: G. LAGE; P. MILONE (org.). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.